

# A ORGANIZAÇÃO TEXTUAL E A REFERENCIAÇÃO NO GÊNERO EDITORIAL

## THE TEXTUAL ORGANIZATION AND REFERENCIATION IN THE EDITORIAL GENRE

Analice Santos Cardoso (COPES/UFS)<sup>1</sup>

cardoso.analice@hotmail.com

Jaciana Firmino Santana Rocha (CNPq)<sup>2</sup>

jaciana\_letrasufs@yahoo.com.br

Denise Porto Cardoso (UFS)<sup>3</sup>

denipoc@uol.com.br

*Resumo: O jornal, além de informar, tem como finalidade opinar e convencer a opinião pública daquilo que está de acordo com o ideário da empresa. Para isso, ele é composto de gêneros que possuem características específicas relativas à argumentação. Um desses gêneros é o editorial que tem como estrutura o cabeçalho, a notícia-chave e a opinião, segundo Bond (1962). O editorial possui caráter exortativo e é auxiliado pela referenciação, para a elaboração do sentido pretendido pelo editorialista em acordo com jornal. A referenciação é realizada através de mecanismos que se movimentam para frente ou para trás e organizam, explicam, focalizam, desfocalizam e dão sentido ao texto, proporcionando sua organização. Esse sentido é oferecido pelos objetos-de-discurso, os quais não retomam a realidade como ela é, mas (re)criam os elementos que nomeiam o mundo, tornando os enunciados dependentes da situação comunicativa em que foram produzidos. Tomaram-se essas considerações, visando chegar à comprovação da eficácia dos mecanismos de referenciação para a tessitura do texto, de acordo com a teoria de Koch (2001, 2002, 2004, 2007, 2008). Nesse estudo, foram analisados e catalogados os mecanismos de referenciação que auxiliam na clareza, na construção de sentidos e na organização textual do editorial do Jornal Correio de Sergipe de 07/02/2012 intitulado “Mortes e acidentes”. A partir dos resultados obtidos comprovou-se como o uso dos processos de referenciação auxilia na construção bem sucedida do texto e na leitura crítica dos editoriais.*

Palavras-chave: Referenciação; Editorial; Organização textual.

*Abstract: The newspaper and inform, opine and aims to convince the public of what is consistent with the ideology company. For this, it is composed of genres that have specific characteristics relating to argumentation. One of these genres is the editorial whose header structure, the key news and opinion, according to Bond (1962). The editorial features and hortatory character is aided by referral to the elaboration of the meaning intended by the*

---

<sup>1</sup> Bolsista COPES. Graduanda da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Aracaju, Brasil.

<sup>2</sup> Bolsista CNPq. Graduanda da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Aracaju, Brasil.

<sup>3</sup> Professora associada da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Doutora pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Aracaju, Brasil.

*editorialist in accordance with newspaper. The Referenciation is accomplished through mechanisms that move forward or backwards and organize, explain, focus, defocus and give meaning to the text, giving its organization. This sense is given by the objects-of-speech, which doesn't reproduce reality as it is, but (re) create the elements that name the world. These considerations were taken up, aiming to achieve the proof of the effectiveness of the referenciation to the texture of the text, according to Koch's theory (2001, 2002, 2004, 2005, 2007, 2008). In this study, referenciation's mechanisms that aid in distinctness, construction of meaning and textual organization of the editorial of the Correio de Sergipe Journal, on 02/07/2012 entitled "Mortes e acidentes" were analyzed and cataloged. From the results obtained it was proven how the use of referenciation's processes helps in the successful construction of the text and the critical reading of the editorials.*

*Keywords: Referenciation, Editorial, Textual organization.*

## Introdução

Atualmente, existem inúmeros gêneros discursivos e seria tarefa complexa conseguir catalogar a grande diversidade existente e a infinidade de gêneros que surgem a cada momento. A depender da necessidade de comunicação gerada na dinâmica da vida humana há mudança e até extinção de alguns deles e seus suportes, principalmente, após o advento da *internet*.

Na sociedade há várias esferas da comunicação, e cada uma delas possui um propósito enunciativo e um recurso para atingi-lo. O jornal (espaço constituído pelo nosso objeto de estudo, o editorial, além de outros gêneros) tem como suas principais finalidades informar, promover, criticar, convencer, homenagear, divertir e, para isso, ele é suporte de vários gêneros que o compõem, tais como notícia, artigo de opinião, memórias, passatempo, editorial etc. Sob a ótica de que todo dizer tem um propósito comunicativo o gênero é, segundo Bonini (2006, p. 58) "um modo de proceder em um meio social específico", ou segundo Lima e Filho (2011, p. 89) uma "ação social", pois o gênero constitui-se a partir da cultura de uma sociedade. Isso justifica, por exemplo, o editorial ter caráter exortativo, ter como intencionalidade o convencimento da opinião pública de uma ideia e, dessa forma, fazer parte de um veículo de comunicação de massa. Se o editorial tem como leitor ideal a opinião pública, não há suporte mais adequado para ele que o jornal. Ou seja, o suporte deve acomodar o gênero de acordo com o propósito comunicativo deste.

A escolha do gênero não é espontânea. Leva em conta quem fala (emissor), para quem fala (receptor), para que fala (objetivo) e sobre o que fala (assunto). Os gêneros não são entidades formais, mas comunicativas. São formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos. Dessa forma,

O sentido de um texto, qualquer que seja a situação comunicativa, não depende, como já foi dito, apenas da estrutura textual em si mesma (daí a metáfora do texto como iceberg). Os objetos de discurso a que o texto faz referência são apresentados em grande parte de forma incompleta, permanecendo muita coisa implícita (KOCH, 2007, p. 71).

Assim, o produtor de um texto pressupõe por parte de seu leitor conhecimentos textuais, situacionais e se orienta pelo Princípio da Economia, não explicitando as informações que considera redundantes ou desnecessárias. Nesse caso, não existem textos totalmente explícitos, uma vez que o seu produtor sempre necessita fazer um balanceamento do que precisa ser explicitado no texto e do que pode permanecer implícito, supondo que seu interlocutor poderá recuperar essa informação por meio de inferências.

Estudos realizados por Marcuschi & Koch (2006) têm mostrado que há um deslocamento teórico do modelo que vê uma correspondência biunívoca entre a palavra do texto e o objeto do mundo. Esses estudos colocam a ênfase nos referentes concebidos como objetos-de-discurso. Esses objetos são elaborados pelos falantes, em um processo dinâmico e intersubjetivo, baseados em práticas discursivas e cognitivas dentro da sociedade e da cultura. Isto é, a significação é um produto de interações sociais no interior da cultura e da história, por isso há também relações interacionais que devem ser analisadas na interpretação de um texto. Como vemos, esses estudos se afastam do sentido de referência como representação extencionista de fenômenos empíricos. Temos então que repensar o caráter representativo da linguagem. As entidades designadas no texto não são preestabelecidas como na concepção de língua como código, elas se relacionam com operações efetuadas pelos interlocutores na elaboração de seus discursos de acordo com seus propósitos interacionais.

Assim, como diz Jubran (2005, p.220) “os referentes são gerados no interior do discurso: são introduzidos, conduzidos, retomados, identificados no texto, modificando-se à medida que o discurso se desenrola, por meio de estratégias específicas de referenciação.” Essa linha sociocognitiva-interacionista admite que “a construção referencial institui objetos-de-discurso em qualquer situação de uso da língua.” (JUBRAN, 2005, p.220).

Na tentativa de usar o próprio discurso para evidenciar a (re)construção de referentes, escolhemos um editorial de jornal para a análise, uma vez que ele é o produto da negociação entre a opinião do jornal e a do editorialista, constituindo-se um texto argumentativo, portanto, opinativo. Levando em consideração a noção de texto como um conjunto elaborado de enunciados que possuam um ou mais sentidos, torna-se relevante o estudo dos processos utilizados pelo produtor para a tessitura desse texto. Tendo em vista os dois grandes movimentos responsáveis pela organização do texto – avanço e retroação – tentaremos evidenciar o papel da referenciação na execução e progressão textual. Nesse sentido, Koch (2007, p. 123) afirma que “denomina-se referenciação as diversas formas de introdução, no texto, de novas entidades ou referentes. Quando tais referentes são retomados mais adiante ou servem de base para a introdução de novos referentes, tem-se o que se denomina progressão referencial”.

O nosso trabalho é resultado do projeto *Referenciação em Editoriais de Jornais Sergipanos*. Nosso principal referencial teórico é Koch (2001, 2002, 2004, 2007, 2008) e seus estudos da referenciação, assim como Marcuschi (2010), Mondada (2003) e Magalhães (2003). Analisamos, então, o editorial “Mortes e acidentes”, do dia 07/02/2012, do Jornal Correio de Sergipe, da cidade de Aracaju, sua capital, a fim de avaliar a organização e a construção textual dos sentidos que se dão pelos processos de referenciação. Tal pesquisa classifica-se como explicativa, pois ela identifica as causas do uso dos mecanismos de referenciação, explicando suas razões a partir da fundamentação teórica descrita no item Revisão da Literatura.

Fundamentação teórico-metodológica

O estudo de gênero implica uma reflexão sobre a relação entre o universal e o histórico, porque o estatuto genérico de um texto leva em conta tanto o que o produtor quer dizer, quanto o que é percebido pelo receptor. Entende-se por gênero histórico um conjunto de normas e de regras, que sinalizam a maneira como o leitor deverá ler o texto. O gênero é uma instância que determina a leitura de um texto desde o ponto de vista de sua forma e conteúdo. As convenções genéricas são significados que os indivíduos utilizam (e recriam) para ler o texto a partir de papéis pré-determinados historicamente.

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo, o estilo e a construção composicional – estão indissoluvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação (BAKHTIN, 2003, p. 261).

Marcuschi (2010, p.25) afirma, reforçando as ideias bakhtinianas, que os “gêneros não são entidades formais, mas sim entidades comunicativas [...] formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos”. Eles são fenômenos históricos, extremamente relacionados à vida social e cultural de uma comunidade. Esse conceito de gênero é relevante, pois seu tema, sua composição e seu estilo dependem da necessidade que cada indivíduo produtor de texto (verbal ou escrito) tem para comunicar-se. A depender da função e situação comunicativa o indivíduo escolherá um determinado gênero, que atenda aos seus propósitos. Esse gênero deverá ter, já, um suporte estabelecido, ou ganhará um novo suporte, a depender da intenção enunciativa e da necessidade de quem utilizará o gênero.

Marcuschi (2008) considera que a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual. Isso significa tratar a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos, e não apenas formais. Essa visão segue uma noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva. Privilegia a natureza funcional e interativa e não somente o aspecto formal e estrutural da língua. Não vê a língua como um espelho da realidade, nem como instrumento de representação dos fatos. Marcuschi (2008) considera que os gêneros textuais são ações sociodiscursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo.

O conceito bakhtiniano de gênero pode ser pensado como um evento recorrente de comunicação em que uma determinada atividade humana envolve papéis e relações sociais e é mediada pela linguagem. Para Bakhtin, os gêneros não podem ser algo forjado por classificações, porque são fenômenos de pluralidade.

Essa visão dinâmica e plural que organiza e estrutura os textos e os enunciados, na concepção bakhtiniana, permite que se adote uma concepção de gênero vinculada às formas estáveis do querer-dizer do produtor que se realizam na escolha de um gênero. Essa escolha é determinada por uma esfera de comunicação, pela necessidade do tema e pelos parceiros da comunicação – o produtor e o receptor. A flexibilidade da teoria bakhtiniana permite a adequação e a transposição de seus fundamentos sobre a organização genérica às obras de nosso tempo.

Uma vez que a empresa/jornal, além de informar, tem também como propósito opinar, é escolhido o gênero editorial para veicular o ideário dessa que contém a opinião do editorialista numa negociação entre este e a empresa/jornal, que resulta num texto persuasivo, tendo como principal enunciatário a opinião pública. A estrutura desse gênero compõe-se de cabeçalho, notícia-chave e opinião, segundo Bond (1962) O cabeçalho resume o editorial e pode vir já carregado de ideologia. A notícia-chave é o assunto principal de que trata o texto, dando, a princípio, uma noção do que virá em seu corpo. E a opinião é o próprio discurso que transmite a ideia a ser passada. O seu conteúdo versa, principalmente, sobre assuntos do âmbito da economia e política. Para alcançar seus propósitos, além de encaixar-se num determinado gênero, o editorial, assim como qualquer texto, *carece ter* um discurso trabalhado no sentido da estrutura (organização), coerência, coesão, clareza, para chegar a sua finalidade, que é informar e convencer.

O discurso do editorial, assim como qualquer discurso dispõe de estratégias específicas para sua a intenção comunicativa. Com esse objetivo ele, “o discurso, aponta explicitamente para a não-correspondência entre as palavras e as coisas, e a referenciação emerge da exibição desta distância, da inadequação das categorias lexicais disponíveis – a melhor adequação sendo construída por meio de sua transformação discursiva.” (MONDADA e DUBOIS, 2003, p. 33).

Nesse sentido, a referenciação, é entendida por Koch (2007, p.124) como uma atividade discursiva, pois nela,

O sujeito, por ocasião da interação verbal, opera sobre o material linguístico que tem à sua disposição e procede a escolhas significativas para representar estados de coisas, de modo condizente com a sua proposta de sentido. Isto é, as formas de referenciação são escolhas do sujeito em interação com outros sujeitos, em função de um querer dizer. Os objetos-de-discurso não se confundem com a realidade extralinguística, eles a (re)constróem no próprio processo de interação.

Por objetos-de-discurso entendemos os elementos que (re)criam a realidade e não retomam fielmente (sem dar outra significação) o mundo. Esses objetos-de-discurso são escolhidos pelo produtor do texto, visando a uma intenção.

A linguagem é uma atividade constitutiva do conhecimento e há uma estreita ligação entre a linguagem e a cognição, mas os objetos-de-discurso não existem anteriormente à atividade cognitiva e interativa dos falantes. São, portanto, concebidos como produtos culturais da atividade cognitiva. Segundo KOCH (2008, p. 29):

Todo processo de compreensão pressupõe, portanto, atividades do ouvinte/leitor, de modo que se caracteriza como um processo ativo e contínuo de construção – e não apenas de reconstrução [...] Por ocasião da produção, o locutor já prevê essas inferências, na medida em que deixa implícitas certas partes do texto, pressupondo que tais lacunas venham a ser preenchidas sem dificuldades pelo interlocutor, com base em seus conhecimentos prévios e nos elementos da própria situação enunciativa.

A referenciação constitui uma atividade discursiva, pois à medida que o discurso se desenvolve, a referência é efetuada por sujeitos sociais e históricos em interação. Nela utilizamos um termo para representar algo a partir da interação com o contexto físico, social e cultural: os referentes são vistos como objetos-de-discurso e (re) constroem-se no próprio processo de interação. São estratégias de referenciação:

a) Construção/ativação: um objeto-de-discurso que até então não foi mencionado é introduzido no texto, ficando no foco do modelo textual.

b) Reconstrução/ reativação: um objeto-de-discurso já presente no texto é ativado por meio de uma expressão referencial, ficando, ainda assim, no foco do modelo referencial.

c) Desfocalização/desativação: algo de novo é introduzido no texto, passando a ocupar a posição focal.

Partindo da concepção de que a língua não apresenta uma relação direta com objetos do mundo e que estes são criados pelo discurso, a partir da maneira como o sujeito apreende e categoriza esses objetos, Koch (2004, p. 58) adota as postulações de Aphothéloz e Richler-Berguelin acerca da referência. São elas:

“a) a referência diz respeito a operações efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve;

b) o discurso constrói aquilo a que faz remissão, ao mesmo tempo em que é tributário dessa construção [...];

c) eventuais modificações quer físicas, ou de qualquer outro tipo sofridas ‘mundanamente’ ou mesmo predicativamente por um referente não acarretam necessariamente no discurso uma recategorização lexical, sendo o inverso também verdadeiro.”

Dentre os processos de introdução de referentes textuais, a ativação pode ser “ancorada” ou “não ancorada”. A “não ancorada” acontece quando um objeto novo é introduzido no texto e a “ancorada” acontece quando um objeto novo é introduzido no texto, mas que já possui alguma ligação com os elementos presentes no co-texto ou no contexto sociocognitivo.

A visão discursiva sobre a referenciação amplia os horizontes desse processo: no conceito tradicional sobre a referência, o limite para as ancoragens era o texto; mas, nessa nova perspectiva, o limite é a memória discursiva. Isso significa que as categorias se constituem a partir do acúmulo de informações sobre um mesmo assunto, a ponto de caracterizar a prototipicidade, esteja ancoragem dentro ou além do texto.

Para fundamentar a importância da escolha lexical na remissão textual, listamos alguns mecanismos de referenciação conceituados por Koch (2007; 2008) e Apothéloz (2003) usados na análise dos dados. São eles: orientação argumentativa, anáfora indireta, pronominalização, expressões nominais definidas, articuladores de conteúdo proposicional, articuladores metaenunciativos, articuladores discursivo-argumentativos, rotulação, anáfora fiel, recorrência de estrutura e recorrência de termo.

Enquanto os processos de referenciação remetem, sempre, a elementos que são encontrados no texto, a dêixis tem como característica a remissão para um elemento fora do texto. “Em uma palavra, a característica definidora dos dêiticos é que seu modo de referência se apoia num referencial, e não nos significados” (APOTHÉLOZ, 2003 p. 68). Dêixis são expressões linguísticas que têm como particularidade a sua interpretação ser inteiramente dependente do lugar, ou do momento de sua enunciação, ou ainda da pessoa que enuncia. Dessa forma, a dêixis de que estamos tratando não faz parte dos processos de referenciação acima arrolados. Ao fazer uma análise do editorial utilizado nesse artigo encontramos *Nesse último final de semana* e *No final de semana* que são expressões dêiticas, pois essas construções interpretam-se em relação ao momento em que se acha o locutor quando ele enuncia e delimita o domínio do tempo. Com isso, o autor situa o leitor na temporalidade do

editorial, vista a efemeridade do suporte jornal. Não será difícil para o leitor identificar a data do ocorrido, porque o leitor poderá ver a data do jornal, nele próprio e perceber o momento de que o autor fala.

A fim de comprovar *as hipóteses de benefícios* do uso da referenciação, procuramos, num primeiro momento, identificar e catalogar os mecanismos de referenciação presentes no editorial. Em seguida, buscamos separar os parágrafos (cognitivos, e não estruturais) e mostrar como se dá a organização macroestrutural, que se faz apoiada nos mecanismos de referenciação. Depois, comprova-se, a partir da análise de cada objeto-de-discurso presente no texto, como cada um com as suas funções e especificidades, auxiliam – além da organização – na clareza, na construção de sentidos e na progressão textual.

## Análise

Acreditando na (re)construção dos sentidos e na estruturação, coerência e clareza de um texto através de mecanismos de referenciação, escolhemos o gênero editorial para validar tais hipóteses. Ao atender as considerações feitas na revisão da literatura a cerca da referenciação, analisamos o editorial *Mortes e acidentes*. Essa análise teve como objetivo a apreensão da perspectiva estrutural e organizacional. Procurou-se também apreender o sentido atribuído pelo editorialista no texto através dos mecanismos de referenciação.

## 1 Editorial

### Mortes e acidentes

Todos os aspectos que dizem respeito à preservação da vida humana devem ser enfocados à exaustão e a ocorrência de acidentes nas rodovias é um desses casos. Nesse último final de semana, o número de colisões de veículos, mortos e feridos foi alto, apesar das advertências e recomendações da Polícia Rodoviária Federal. A imprudência, o desrespeito à sinalização e a ingestão de bebidas alcoólicas, apesar de proibida, continuam sendo as principais causas de acidentes nas rodovias brasileiras.

Não resta a menor dúvida de que é muito importante o trabalho desenvolvido por policiais rodoviários no sentido de orientar e fiscalizar o tráfego de veículos nas rodovias, mas a redução do número de acidentes somente poderá ocorrer quando todos os motoristas passarem a ter a preocupação de respeitar as leis do trânsito, nunca dirigir alcoolizado e manter seus veículos em boas condições.

São providências que sempre devem nortear o pensamento dos condutores de veículos, mas lamentavelmente ainda existem aqueles que não seguem o bom senso e se negam a seguir essas imprescindíveis recomendações. Na verdade, essas tragédias que ocorrem nas rodovias somente serão evitadas quando os motoristas se conscientizarem de que eles são os principais responsáveis para que isso venha a acontecer.

No final de semana os acidentes com vítimas só perderam para os homicídios, já que foram registrados 9 dos 20 corpos que foram registrados pelo IML. Infelizmente, o trânsito, na mão de pessoas que desrespeitam a lei, também passou a ser uma arma mortal.

## 2 Análise da estrutura

Visando à clareza dos fatos noticiados e à opinião veiculada no editorial, o *autor/jornal* utiliza de mecanismos referenciais para assegurar a coesão microestrutural (no âmbito da frase) e a coesão macroestrutural (no âmbito dos parágrafos), garantindo a coerência das partes, formando o todo, que é o texto completo. Quanto à coerência/coesão Corrêa (2009, p. 20) esclarece-nos que:

seria um equívoco considerar a construção de cadeias coesivas simplesmente como propriedades objetivas dos textos, pois a coesão é um fator de coerência, visto que, não se pode especificar, por exemplo, a colocação de itens lexicais num texto sem considerar as interpretações dos leitores desses textos. Por outro lado, os itens coesivos também precisam ser considerados dinamicamente da ótica do produtor de texto.

Na organização macroestrutural do editorial em análise, o autor amarra os parágrafos com os objetos-de-discurso constituindo passagens para estágios seguintes da argumentação. No sentido cognitivo do termo analisa-se não apenas o início e o fim de cada parágrafo, mas os objetos-de-discurso que abrem e fecham vários “subtópicos” em um só parágrafo. A coesão é feita por processos de referenciação e “sinalizam, muitas vezes, que o autor do texto está passando a um estágio seguinte de sua argumentação, por meio do fechamento do anterior” Koch (2007, p. 140). É possível perceber essa organização atentando-se apenas às formas remissivas marcadoras dos parágrafos, “elas introduzem mudanças ou desvios do tópico preservando, contudo, a continuidade tópica, ao alocarem a informação nova no quadro da informação dada” (KOCH, 2007, p. 140).

A macroestrutura do editorial *Mortes e acidentes* assinala o referente que, já no título, introduzirá o tema que é *acidentes*. Ele dá o suporte para o assunto que inicia o editorial: o respeito à preservação da vida. Em seguida um objeto-de-discurso liga o parágrafo introdutório a outro que informa sobre a *ocorrência de acidentes nas rodovias* até que, para assinalar sobre a alta recorrência dos acidentes, o autor insere o objeto-de-discurso *o número de colisões de veículos*. Já para inserir o quarto parágrafo o termo *acidentes* é retomado, recuperando o tema *acidentes*, para causar reflexão sobre os motivos que provocam os desastres e reafirmá-los. Esse parágrafo vem tecendo o mesmo assunto até ser interrompido por *número de acidentes*, que introduz o tema da redução do número de acidentes e diz que esses só acabarão quando não houver mais displicência por parte dos motoristas. No parágrafo seguinte, o sexto, o assunto anterior é retomado por *essas tragédias*, e possui o mesmo argumento de seu precedente, que diz não mudar o número de acidentes enquanto não houver consciência no trânsito por parte dos motoristas. Por fim, o sétimo parágrafo – cognitivo – é introduzido pelo objeto-de-discurso *os acidentes* e tem o foco do assunto mudado, pois fala da quantidade de corpos no IML no final de semana, com isso, leva os leitores a espantarem-se com a informação de que as mortes no trânsito só matam menos que os homicídios. Por isso,

Quando um discurso nos parece muito pertinente, não o queremos perder e, facilmente, consentimos em “prestar-lhe toda a atenção”. Ocorre que um discurso é tanto mais pertinente quanto mais ele

acrescenta; esclarece; informa; amplia nosso repertório; atende nossas aspirações estéticas; nossas representações simbólicas; satisfaz nossas necessidades de contato; nosso desejo do lúdico, do ameno etc. (ANTUNES, 2009, p.126).

Uma vez analisados os parágrafos, o texto será mais fácil de ser interpretado. Parágrafos no sentido cognitivo, que é quando há “introdução, mudança, ou desvio de tópico, bem como ligação entre tópicos e subtópicos” Koch (2007, p. 140) dentro de um parágrafo tipográfico, que é o da estrutura formal do texto. Ou seja, encontramos vários tópicos e subtópicos interligados, dentro de parágrafos tipográficos.

Percebe-se a importância de cada objeto-de-discurso na estruturação de um texto, a fim de torná-lo claro e agradável de ser lido, já que organizado. Se em vez do uso de referentes diversos, o editoralista usasse o mesmo objeto-de-discurso *acidentes*, além de cansativo e desagradável, o texto iria perder toda a plurisignificação trazida pelos novos referentes na enunciação.

### 3 Análise dos mecanismos de referenciação

Os elementos de referência de um texto são aqueles que não podem ser interpretados por si mesmos, mas dependem de outros termos para serem interpretados. Nesse sentido, são elementos de coesão textual, isto é, estabelecem relações de sentido e pertencem ao “conjunto de recursos semânticos por meio dos quais uma sentença se liga com a que veio antes, aos recursos semânticos mobilizados com o propósito de criar textos” (KOCH, 2001, p. 17). Por sua vez, a noção correlata de “coerência” deve ser “entendida como um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido deste texto” (KOCH e TRAVAGLIA, 2004, p. 21).

Baseados nos conceitos de Koch (2007, 2008) e Apothéloz (2003), analisamos todos os mecanismos de referenciação. O primeiro foi o vocábulo *acidentes* que é a **âncora** (KOCH, 2007) dos objetos-de-discurso: *ocorrência de acidentes*, *o número de colisões de veículos*, *número de acidentes* e *os acidentes*. Segundo Koch (2007) âncora é um “elemento que se liga com as referenciações, por meio de “algum tipo de associação”. Classifica-se como **recorrência de estrutura** (KOCH, 2007) a expressão, *ocorrência de acidentes*, *o número de colisões*, *número de acidentes*, e *os acidentes*. Esse mecanismo reativa e reafirma o referente *acidentes*, fazendo com que a cada retomada o propósito do autor seja reforçado. Já a classificação de **recorrência de termo** (KOCH, 2007), que “consiste na reiteração de um mesmo item lexical” é dada a *acidentes*. A **pronominalização** (KOCH, 2007), que é “a referenciação por intermédio de formas pronominais”, ocorre com o objeto-de-discurso *essas tragédias*. A expressão *número de acidentes*, classificada mais acima como recorrência de estrutura, também ganha a categorização de **anáfora fiel** (APOTHÉLOZ, 2003) em relação à *ocorrência de acidentes*, pois trocou-se apenas a palavra *ocorrência* pelo seu sinônimo *número*, dando-lhe uma determinação diferente. A anáfora fiel é “quando um referente anteriormente introduzido no texto é retomado por meio de um SN definido ou demonstrativo cujo nome nuclear é aquele mesmo por meio do qual foi introduzido” (APOTHÉLOZ, 2003).

A expressão *nas rodovias* é uma **âncora** para *rodovias brasileiras*, *rodovias* e *rodovias*. O primeiro objeto-de-discurso classifica-se como **recorrência de estrutura** (KOCH, 2007), pois retoma o referente e acrescenta-lhe itens lexicais diferentes, que nesse

caso é o adjetivo. Enquanto o segundo e o terceiro objeto-de-discurso caracterizam-se como **recorrência de termos** (KOCH, 2007), pois há apenas a repetição do mesmo item lexical.

A expressão *advertências e recomendações da Polícia Rodoviária Federal* ancora as expressões *o trabalho desenvolvido por policiais rodoviários* e *orientar e fiscalizar o tráfego de veículos*, que se classificam como **anáforas indiretas**. Segundo Koch (2007, p. 128) a anáfora indireta é “quando não existe no co-texto um antecedente explícito, mas, sim, um elemento de relação que se pode denominar *âncora* e que é decisivo para a interpretação, assim como as anáforas indiretas acima são âncoras para, *essas imprescindíveis recomendações*, sendo tal objeto-de-discurso uma **pronominalização** (KOCH, 2007). Por fim, estas mesmas expressões citadas no início desse parágrafo, são âncoras de *providências*, que se caracteriza como **rotulação** (KOCH, 2007), pois sumariza as advertências, recomendações, o trabalho, as orientações e fiscalizações feitas pela Polícia Rodoviária Federal nas rodovias, resumindo de forma didática a fim de um maior esclarecimento da questão para o leitor.

A expressão *todos os motoristas* que é uma **âncora** também é um **rótulo prospectivo** (KOCH, 2007), pois ele é o referente resumidor dos demais objetos-de-discurso, e ainda está acompanhado do pronome *todos*, que encapsula o restante dos motoristas citados em seguida. Esse é um modo de estruturar o texto de forma hierárquica e mais clara. Essa âncora apoia duas **pronominalizações** (KOCH, 2007), *eles* e *aqueles que não seguem o bom senso*. Este último objeto-de-discurso é também uma expressão nominal definida, porque é antecedida por um pronome demonstrativo (*aqueles*). Também apoia *os motoristas* que é uma **anáfora fiel** (APOTHÉLOZ, 2003), pois seu nome nuclear é igual ao nome de sua âncora (*todos os motoristas*), só havendo mudança no determinante. Outra **anáfora indireta** (KOCH, 2007) ancora o referente de que falamos (*condutores de veículos* e *pessoas que desrespeitam a lei*). Por fim, ancora *os principais responsáveis* que é uma **expressão nominal definida** (KOCH, 2007). Essa também pode ser caracterizada como **orientação argumentativa** (KOCH, 2007). Ambos os mecanismos – **expressão nominal definida** e **orientação argumentativa** – são típicos de gêneros opinativos, pois o determinante definido mais um nome caracterizam-se por fazer uma seleção que expõe o propósito comunicativo do locutor e a orientação argumentativa, que consiste no uso de termos metafóricos ou não que selecionados também exteriorizam uma opinião. Nesse caso, o autor responsabiliza os condutores de veículos pelos acidentes ocorridos, orientando o público leitor a ficar alerta quanto aos cuidados que devem ser tomados. Esses mecanismos requerem conhecimentos pressupostos compartilhados pelos interlocutores.

A *imprudência, o desrespeito à sinalização e a ingestão de bebidas alcoólicas* são **âncoras** e contém **expressões nominais definidas** (KOCH, 2007), pois são expressões antecedidas do artigo definido. A cada vez que o artigo é repetido, o núcleo do SN é mais evidenciado, uma vez que, nesse editorial, a intenção do editorialista/jornal é culpabilizar as ações dos motoristas pelos acidentes e, por isso mesmo, a ênfase dada aos substantivos pejorativos. Essa âncora apoia o que acabamos de falar *A preocupação de respeitar as leis do trânsito, nunca dirigir alcoolizado e manter seus veículos em boas condições*, assim como ancora *principais causas de acidentes nas rodovias brasileiras* que são caracterizadas como **anáforas indiretas** (KOCH, 2007), pois se relacionam com sua âncora, mas não têm um antecedente explícito. A última expressão, *principais causas de acidentes nas rodovias brasileiras* é um **articulador discursivo-argumentativo** (KOCH, 2008), porque justifica *A imprudência, o desrespeito à sinalização e a ingestão de bebidas alcoólicas*, argumentando contra essas ações proibidas aos motoristas e ainda ratifica a ideia de que os causadores dos problemas no trânsito são os próprios motoristas. Articuladores discursivo-argumentativos são os introdutores de relações discursivo-argumentativas: contrajunção (oposição/ contraste/ concessão), justificativa, explicação, generalização, disjunção argumentativa, especificação,

comprovação, entre outras. No caso do exemplo desse mecanismo usado no editorial, é uma justificativa.

O trânsito é a **âncora de arma mortal**, caracterizada como **orientação argumentativa** (KOCH, 2007) ou **articuladores metaenunciativos axiológicos** (KOCH, 2008), os quais expressam a valoração atribuída às ações dos motoristas no trânsito, e ainda por cima, é uma **anáfora indireta** (KOCH, 2007), pois *arma mortal* não tem um antecedente explícito e recategoriza *o trânsito*, nomeando-o pejorativamente.

*Não resta a menor dúvida e na verdade* são **modalizadores epistêmicos** (KOCH, 2008), porque assinalam o grau de certeza do locutor com relação ao enunciado. Assim, ele garante a veracidade da afirmação que vem em seguida, dando um maior respaldo à sua enunciação.

*Infelizmente* é um articulador metaenunciativo **atitudinal ou afetivo** (KOCH, 2008), porque demonstra a atitude psicológica – e consequentemente a opinião – que o autor/jornal tem diante do tema do texto. Esse articulador metaenunciativo **atitudinal ou afetivo** ajuda os leitores no esclarecimento da opinião.

Considerando os mecanismos analisados, percebemos o quanto é importante para a organização do texto e para seu sentido a utilização desses mecanismos. Além da coesão e progressão temática, eles são responsáveis, principalmente, por (re)criar os objetos do mundo. Os termos utilizados pelo autor para fazer referência não são exatamente os objetos extralinguísticos, pois tais elementos quando juntados com o restante do texto e o léxico que o rodeia toma uma conotação própria, dada pelo autor.

## Resultados

Os mecanismos de referência auxiliaram na progressão, construção e organização do texto. Na medida em que os objetos-de-discurso eram introduzidos e retomados, o texto era desenvolvido, os referentes focalizados novamente e era garantida a coerência e coesão, pois os objetos-de-discurso proporcionaram a ligação micro e macroestrutural, o que afiançava a organização do texto. Além disso, eles (re)construíram os sentidos do texto, por meio de processos de retomada diversos, permitindo ao leitor, a interpretação desejada pelo autor do editorial.

## Conclusões

Depois de avaliar o editorial *Mortes e acidentes*, do jornal Correio de Sergipe aplicando a análise estrutural e a análise dos mecanismos de referência, pode-se ver com nitidez o papel da referência na execução textual, o que é privilégio de poucos, pois a maioria produz textos sem atentar para a elaboração proporcionada pela referência a cada introdução de novos objetos-de-discurso.

Os objetivos deste trabalho foram alcançados, pois se pode confirmar a presença da coesão feita por mecanismos de referência, dentro dos parágrafos, assim como a uniformidade, coerência e clareza, esses no aspecto macro do texto (parágrafos e o todo textual). Além disso, os mecanismos de referência foram importantes para a manutenção do foco textual, na medida em que retomavam os referentes, garantindo a progressão temática.

Foi constatada também uma diferença na estrutura do gênero editorial do Jornal Correio de Sergipe em comparação com a definição de editorial de um dos autores escolhidos

para compor a nossa literatura. Segundo Bond (1962) “A estrutura desse gênero compõe-se de cabeçalho, notícia-chave e opinião”. O objeto de estudo selecionado por nós não apresenta notícia-chave, que é uma frase retirada do corpo do texto e destacada no centro dele, que geralmente resume a ideia central do editorial. Com essa observação, assinala-se uma distância entre a literatura utilizada para esse estudo e o editorial analisado no presente artigo.

#### Referências bibliográficas

- ANTUNES, I. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- APOTHÉLOZ, D. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE; M. M.; RODRIGUES. B. B.; CIULLA, A. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 131-176.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso: problemática e definição. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira; revisão da tradução Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BOND, F. F. *Introdução ao jornalismo*. Rio de Janeiro: Agir: 1962.
- BONINI, A. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. In: KARWOSK, A. M. GAYDECZKA, B. BRITO, K. S. (Org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006, p. 57-71.
- CORRÊA, L. Uma proposta para o tratamento da referenciação e anáfora. In: CORRÊA, L.; BEZERRA, A. P.; CARDOSO, D. P. *O texto em perspectiva*. São Cristóvão: UFS, 2009, p. 13-23.
- JUBRAN, C. S. Especificidades da referenciação metadiscursiva. In: KOCH, I. V. et alii. *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 219-242.
- KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. *A coerência textual*. 12 ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- KOCH, I. G. V. *A coesão textual*. 14 ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- KOCH, I. G. V. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- KOCH, I. G. V. e ELIAS, V. M.. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2007.
- KOCH I. G. V. *As tramas do texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- LIMA, J. R. L. FILHO, I. O. S. Editorial: gênero de expressão opinativa. *Interdisciplinar*. V. 14, p. 87-99 14, jul-dez de 2011.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2010, p. 19-36.
- MARCUSCHI, L. A. e KOCH, I. V. Referenciação. In: KOCH, I. e JUBRAN, C. (Org.) *Gramática do português culto falado do Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006, 381-399.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção textual análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola editorial, 2008.
- MONDADA, L. e DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M. et alii. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.
- MORTES E ACIDENTES. *Correio de Sergipe*, Aracaju, 07 fevereiro 2012, opinião, caderno A, p. 2.